



# IMAGINÁRIOS DE LIBERDADE COSMOPOLITA LGBTQIA+ NOS ESPAÇOS RURAIS DO RIO GRANDE DO NORTE: REFLEXÕES E ATRAVESSAMENTOS (ESPAÇOS E DIFERENÇAS: GÊNERO, RAÇA, ETNIA E DIVERSIDADE)<sup>1</sup>

**Jeam Claude de Souza Gomes**  
UFRN-PPEUR | jeagomes50@gmail.com

**Winifred Knox**  
UFRN-PPEUR | winifred.knox@ufrn.br

---

## Sessão Temática 11: Espaços e diferenças: gênero, raça, etnia e diversidade

---

**Resumo:** A inquietação central que perpassa a elaboração deste artigo diz respeito ao interesse em compreender as dinâmicas de resistência da população LGBTQIA+ que habitam os territórios rurais do RN, em meio a um contexto permeado pelos resquícios do conservadorismo e patriarcalismo arraigados nas estruturas sociais e culturais dessas localidades. A pesquisa parte da premissa de que em comunidades pequenas, o controle sobre o indivíduo é mais acentuado, e que as representações veiculadas pela mídia e redes sociais criam um imaginário ideal de liberdade e vivência LGBTQIA+ nas áreas urbanas e metropolitanas, onde a expressão das (des) identidades de gênero é facilitada. Destarte, considera-se que uma das formas de resistência é o movimento migratório para os grandes centros urbanos. Entretanto, questiona-se se essa suposta busca por liberdade cosmopolita representa efetivamente uma maior emancipação, ou se constitui apenas um componente do imaginário positivo projetado para o espaço urbano. Portanto, o objetivo desta pesquisa é compreender como as sujeitas LGBTQIA+ que permanecem em territórios rurais confrontam os desafios impostos pelo conservadorismo local e como desenvolvem estratégias próprias de resistência. A metodologia do estudo consistiu em pesquisa bibliográfica, coleta de relatos escritos de cinco sujeitas residentes dos territórios rurais do Mato Grande, Terras Potiguares e Agreste Litoral Sul, com idades entre 18 a 30 anos. Além do levantamento de dados em observatórios acadêmicos e organizações da sociedade civil sobre a violência urbana e rural relacionada à LGBTQIA+fobia. Como principais achados da pesquisa, observou-se que as LGBTQIA+ rurais sofrem diversas violências, que muitas vezes não são notificadas, e são naturalizadas pelo conservadorismo da família e da igreja. É notório o desejo e imaginário de migrar para uma grande metrópole para vivenciar as suas identidades. Contudo, as LGBTQIA+ que permanecem no rural tendem se fortalecer e buscar autonomia coletiva através de movimentos sociais como o MST como forma de sobrevivência e resistência.

**Palavras-chave:** Rural; LGBTQIA+; Resistência; Conservadorismo.

## IMAGINARIES OF LGBTQIA+ COSMOPOLITAN FREEDOM IN THE RURAL SPACES OF RIO GRANDE DO NORTE: REFLECTIONS AND CROSSINGS (SPACES AND DIFFERENCES: GENDER, RACE, ETHNICITY, AND DIVERSITY)

**Abstract:** *The central concern underlying the development of this article pertains to an interest in understanding the resistance dynamics of the LGBTQIA+ population living in rural territories of Rio Grande do Norte (RN), within a context imbued with remnants of conservatism and patriarchy deeply rooted in the social and cultural structures of these areas. The research is based on the premise that in small communities, control over individuals is more pronounced, and that representations disseminated by the media and social networks create an idealized image of freedom and LGBTQIA+ life in urban and metropolitan areas, where the expression of gender (dis) identities is facilitated. Thus, it is considered that one form of resistance is the migratory movement to major urban centers. However, it is questioned whether this supposed search for cosmopolitan freedom truly represents greater emancipation or if it merely constitutes a component of the positive imaginary projected onto urban spaces. Therefore, the objective of this research is to understand how LGBTQIA+ individuals who remain in rural territories confront the challenges imposed by local conservatism and how they develop their own resistance strategies. The study's methodology consisted of a bibliographic review, collection of written reports from five individuals residing in the rural territories of Mato Grande, Terras Potiguares, and Agreste Litoral Sul, aged between 18 and 30 years. This was complemented by data gathered from academic observatories and civil society organizations on urban and rural violence related to LGBTQIA+phobia. Among the main findings, it was observed that rural LGBTQIA+ individuals experience various forms of violence, often unreported and normalized by family and church conservatism. There is a notable desire and imaginary of migrating to a major metropolis to fully experience their identities. Nevertheless, those who remain in rural areas tend to strengthen themselves and seek collective autonomy through social movements, such as the MST, as a means of survival and resistance.*

**Keywords:** Rural; LGBTQIA+; Resistance; Conservatism.

---

## IMAGINARIOS DE LIBERTAD COSMOPOLITA LGBTQIA+ EN LOS ESPACIOS RURALES DE RIO GRANDE DO NORTE: REFLEXIONES Y CRUCES (ESPACIOS Y DIFERENCIAS: GÉNERO, RAZA, ETNIA Y DIVERSIDAD)

**Resumen:** *La inquietud central que atraviesa la elaboración de este artículo se refiere al interés en comprender las dinámicas de resistencia de la población LGBTQIA+ que habita los territorios rurales de Rio Grande do Norte (RN), en medio de un contexto impregnado por los vestigios del conservadurismo y el patriarcalismo arraigados en las estructuras sociales y culturales de estas localidades. La investigación parte de la premisa de que en comunidades pequeñas, el control sobre el individuo es más acentuado, y que las representaciones difundidas por los medios y redes sociales crean un imaginario ideal de libertad y vida LGBTQIA+ en las áreas urbanas y metropolitanas, donde la expresión de las (des)identidades de género se ve facilitada. Así, se considera que una de las formas de resistencia es el movimiento migratorio hacia los grandes centros urbanos. No obstante, se cuestiona si esta supuesta búsqueda de libertad cosmopolita representa efectivamente una mayor emancipación, o si constituye solo un componente del imaginario positivo proyectado para el espacio urbano. Por lo tanto, el objetivo de esta investigación es comprender cómo los sujetos LGBTQIA+ que permanecen en territorios rurales enfrentan los desafíos impuestos por el conservadurismo local y cómo desarrollan sus propias estrategias de resistencia. La metodología del estudio consistió en una revisión bibliográfica, recolección de relatos escritos de cinco sujetos residentes en los territorios rurales de Mato Grande, Terras Potiguares y Agreste Litoral Sul, con edades entre 18 y 30 años, además de la recopilación de datos en observatorios académicos y organizaciones de la sociedad civil sobre la violencia urbana y rural relacionada con la LGBTQIA+fobia. Entre los principales hallazgos de la investigación, se observó que las personas LGBTQIA+ rurales sufren diversas formas de violencia que*

*muchas veces no se denuncian y que son naturalizadas por el conservadurismo de la familia y la iglesia. Es notable el deseo y el imaginario de migrar a una gran metrópoli para experimentar plenamente sus identidades. Sin embargo, las personas LGBTQIA+ que permanecen en el ámbito rural tienden a fortalecerse y buscar autonomía colectiva a través de movimientos sociales como el MST como forma de supervivencia y resistencia.*

**Palabras clave:** Rural; LGBTQIA+; Resistencia; Conservadurismo.

## INTRODUÇÃO

O artigo *imaginários de liberdade cosmopolita LGBTQIA+ nos espaços rurais do Rio Grande do Norte: reflexões e atravessamentos* foi desenvolvido no intuito de apresentar as primeiras impressões e reflexões da nossa tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais (PPEUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), inerente à área de concentração de dinâmicas urbanas e regionais, inserida na linha de pesquisa espaços rurais e dinâmicas territoriais. A pesquisa busca trazer ao cenário a população LGBTQIA+<sup>2</sup> que residem nos territórios rurais do RN, buscando compreender o processo de resistência dessas sujeitas inseridas em uma realidade em que os flagelos do conservadorismo e patriarcalismo ainda se fazem presentes no cotidiano e relações sociais do rural.

Estudos teóricos evidenciam que, na segunda metade do século XX, era notório uma maior concentração de homossexuais em ambientes urbanos, evidenciando uma prática histórica em que a proteção e segurança desses indivíduos tornaram-se pilares dos movimentos sexuais e libertários (Martins; Rosa, 2013). Dessa forma, "a migração para a metrópole seria uma obrigação e emancipação para homossexuais. No entanto, durante os anos 2000, percebe-se uma interiorização de manifestações de sociabilidades homossexuais para além das grandes metrópoles brasileiras" (Teixeira, 2015).

Assim, é evidente que existe uma perspectiva de que a zona urbana se caracteriza como um espaço possível para a vivência de pessoas LGBTQIA+. Desde "a metáfora espacial de 'sair do armário' (ao revelar a homossexualidade), passando por uma força de expulsão do lar pela família, até a migração para outra cidade, o deslocamento está presente nas narrativas de vida dos homossexuais" (Teixeira, 2015, p.35). Eribon (2008, p.31) enfatiza que "a cidade sempre foi o refúgio dos homossexuais", ocasionando o que Martins e Rosa (2013) denominam de "diáspora gay", situação em que essa população busca nas áreas urbanas uma liberdade hipotética para expressão das identidades de gênero. Deste modo cria-se um imaginário, principalmente nas LGBTQIA+ que residem nas cidades pequenas da zona rural, que é baseado nessa premissa do refúgio e da possibilidade de fuga do "armário" e expressão das identidades.

Porém, ao analisar pesquisas e notícias sobre a LGBTQIA+fobia no Brasil, percebe-se que tanto o campo quanto a cidade apresentam realidades hostis para a população LGBTQIA+, enquanto os dados sobre o cenário rural são bem reduzidos, tornando um desafio a ser enfrentado ao longo da pesquisa de doutoramento. Segundo dados presentes no dossiê do Observatório do Grupo Gay da Bahia, no ano de 2023, 257 pessoas LGBTQIA+ tiveram suas vidas ceifadas no Brasil. Em 2022, a organização constatou foram registrado 242 homicídios e 14 foram suicídios. Os dados registrados reafirmam que "o Brasil continua sendo o país onde mais LGBTQIA+ são assassinados no mundo: uma morte a cada 34 horas" (Schmitz, 2023). Com relação aos números, no contexto rural, não foram localizados relatórios específicos, todavia o levantamento de notícias e nos relatórios da pastoral da terra de 2020 a 2022, revelam que na zona rural, em 19 de agosto de 2019, ocorreu um trágico incidente

em que Aline da Silva, uma ativista trans filiada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), foi brutalmente assassinada por dois desconhecidos durante uma festa na cidade de Arcoverde, em Pernambuco. Em 5 de junho de 2020, Safra Nunes, também uma mulher trans militante do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), foi vítima de uma agressão transfóbica na cidade de Cedro, também em Pernambuco. Além disso, no início deste ano, mais precisamente em 26 de janeiro de 2021, no município de Pau D'Arco, no Estado do Pará, ocorreu o cruel assassinato de Fernando dos Santos Araújo, um homem gay associado ao MST (CEDOC Dom Tomás Balduino – CPT, 2020).

Ainda no ano de 2019, segundo informações do portal Marco Zero o estado de Pernambuco registrou o assassinato de Sandro, um homem gay que era professor do curso de Agroecologia na ONG Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA), ele atuava na defesa da agricultura familiar e dos direitos LGBTQIA+.

Em 03 de maio de 2021, o portal jornalístico UOL, estampava em sua manchete principal a morte de um "ativista LGBT ligado ao PT é achado carbonizado; polícia apura homofobia" (Uol, 2021). A matéria em destaque tratava-se do assassinato de Lindolfo Kosmaski, de 25 anos, LGBTQIA+ rural que atuava no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e no Partido dos Trabalhadores (PT), residente do estado do Pará.

Em 2022, o portal Brasil de Fato noticiou a morte de um homem gay conhecido pelos assentados como Suzy, militante ativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na Paraíba. Em nota, o MST informou que ele participava ativamente das atividades do movimento e tinha o sonho de se tornar um assentado da reforma agrária. O movimento informou ainda que ele cultivava diversos produtos em sua terra (Brasil de fato, 2022).

Portanto, parte-se da hipótese que um dos fatores que contribuem para o imaginário da liberdade para os LGBTQIA+ rural no contexto da cidade é a construção social do campo como um território de medo, onde "o medo se territorializa no indivíduo, estabelecendo atitudes que possibilitam a diminuição da sensação de segurança, como evitar transitar e permanecer em determinados locais" (Moura et al., 2020, p. 03). No entanto, essa situação também é fatídica para os centros urbanos, onde o medo se territorializa no próprio espaço urbano, em praças, ruas e lugares normalmente considerados perigosos (Moura et al., 2020, p. 03). Logo, esses fatores impactam diretamente nas práticas socioespaciais da comunidade LGBTQIA+, que são alteradas, principalmente no ato de evitar o uso de espaços e locais urbanos, onde eles se configuram como "territórios do medo". Dessa forma, o medo se legitima como uma multiterritorialidade que varia no tempo e no espaço.

Essa situação vai de encontro ao imaginário de liberdade e refúgio cosmopolita, onde os discursos que compõem o espaço urbano e de certos grupos limitam a mobilidade dos gestos e dos afetos da população LGBTQIA+, restringindo o acesso a certos espaços devido ao medo e à materialização da violência. Assim, em situações de perigo e exposição à LGBTQIA+fobia, esses indivíduos retornam ao "armário" como medida de proteção, indo de encontro ao imaginário de liberdade cosmopolita"(Moura et al., 2020, p.03). Na sequência deste artigo, além desta introdução, apresentaremos a seguir o percurso metodológico,

seguido das sessões teóricas, culminando com a apresentação das análises dos formulários eletrônicos aplicados ao público de nosso estudo, finalizando com as reflexões e considerações finais.

## CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

A presente pesquisa adotou uma abordagem interdisciplinar para investigar as práticas de resistência da população LGBTQIA+ inserida em contextos rurais do estado do Rio Grande do Norte, diante da heteronormatividade, da violência e da LGBTQIA+fobia. Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia foi estruturada em diversas etapas que incluíram revisão bibliográfica, coleta de dados e indicadores sobre a LGBTQIA+fobia, pesquisa de notícias relacionadas e aplicação de um formulário eletrônico a sujeitas LGBTQIAPN+ residentes em áreas rurais, indicados por uma liderança do movimento LGBTQIAPN+ potiguar, que optou pelo anonimato, mais está ligada a gestão pública estadual. Na primeira etapa realizou-se uma busca sistemática em periódicos científicos e bibliotecas virtuais, adotando como bases de dados o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Periódicos Capes. Nessa busca diligente, os descritores utilizados abarcaram como temas de interesse: "rural", "gênero", "sexualidade", "identidade", "resistência", "LGBTQIAPN+" e "imaginário", todos eles considerando a língua portuguesa como âmbito de análise.

O procedimento metodológico empreendido seguiu um esquema rigoroso, obedecendo aos seguintes critérios: (i) iniciamos a pesquisa localizando artigos que abordassem questões relacionadas ao rural brasileiro, observando os resumos nos idiomas português, espanhol e inglês; (ii) em seguida, consideramos apenas os artigos que trataram sobre temáticas de gênero e sexualidade; (iii) por fim, foram selecionados apenas aqueles que abordavam as questões centrais de nossa pesquisa, a saber: identidade, resistência, conservadorismo, imaginário LGBTQIAPN+. Paralelamente, consideraram-se exclusivamente periódicos que disponibilizavam textos integrais e publicações compreendidas entre os anos 2019 e 2022. Como critérios de exclusão, descartaram-se artigos pagos e/ou de acesso restrito e textos circunscritos exclusivamente sobre a questão econômica dos espaços rurais.

Posteriormente, mediante a ferramenta de busca avançada do periódico Capes, foram identificados primorosamente **35.276** artigos que incorporaram o descritor "rural". Com a adoção do filtro "gênero" restringiu essa quantidade a somente **93** estudos, sendo que um único dentre eles abordou a temática da sexualidade. Além disso, revelou-se que **39** artigos se detinham ao descritor "identidade", enquanto outros **35** contemplavam a questão da resistência, destacando-se dois destes com abordagem no protagonismo feminino em relação ao gênero. Quanto ao descritor "imaginário", identificou-se um conjunto de **9** artigos, os quais tratavam dos imaginários sociais e imaginários urbano-rurais, porém sem explorar de modo específico a temática das experiências LGBTQIAPN+. Já a aplicação do descritor "LGBTQIAPN+" resultou na localização de apenas um artigo pertinente. Entretanto, ao suprimir as letras "Q", "I", "A", "P", "N" e o sinal de adição, emergiram **9** estudos internacionais. Por fim, com a inclusão da letra "Q" e do sinal de adição, o rol expandiu-se para **44** pesquisas,

todas elas relacionadas à comunidade LGBTQIAPN+ no contexto rural.

No âmbito do *SciELO*, adotaram-se critérios específicos de busca adotados, abrindo o idioma português, o período de publicação entre 2019 e 2022 e as áreas temáticas de ciências sociais e humanas, com destaque para artigos considerados citáveis. O resultado dessa minuciosa investigação revelou a presença de **147** artigos, com distribuição temporal de **33** em 2019, **33** em 2020, **42** em 2021 e **39** em 2022. A aplicação do descritor "gênero" obteve a identificação de **14** artigos, porém não foram encontrados estudos que abordassem a sexualidade. Da mesma forma, somente um artigo foi localizado com o descritor "identidade", enquanto nenhum aborda os temas de resistência, imaginário ou LGBTQIAPN+. A busca realizada com o termo de cada letra da sigla "LGBTQIAPN+" não resultou em artigos pertinentes. Por fim, no *Google Acadêmico*, com os descritores "rural, gênero, sexualidade" foram localizadas **2** dissertações de mestrado e **1** tese de doutorado pertinente ao nosso estudo.

A partir deste processo de mensuração, foram selecionados seis artigos para a realização de leitura analítica, utilizando como requisito primordial a maior proximidade com o objeto empírico do nosso estudo, onde apenas 4 foram utilizados em nossa base teórica. No segundo momento, para compreender o cenário da LGBTQIAPN+fobia no Brasil, realizou-se uma coleta de dados e indicadores referentes à violência contra a população LGBTQIAPN+. Os dados foram obtidos a partir de fontes oficiais, como observatórios acadêmicos, relatórios de ONGs e entidades de direitos humanos, e incluíram informações sobre o número de casos de violência, homicídios e suicídios. Uma análise desses dados foi crucial para contextualizar a problemática da LGBTQIA+fobia e embasar o estudo empírico. Além disso, realizou-se uma pesquisa de notícias e reportagens relacionadas à LGBTQIA+fobia no contexto rural brasileiro. As notícias foram coletadas de fontes de mídia digital, e serviram como complemento à compreensão dos casos específicos de violência enfrentados pela população LGBTQIA+ em áreas rurais, mas, infelizmente não foram encontradas notícias de grande repercussão.

Por fim, a pesquisa empírica tivera como objetivo captar, através dos relatos e expressão dos entrevistados sobre o imaginário do medo da liberdade e a subjetividade das experiências, por meio da aplicação de um formulário eletrônico. Para essa etapa, participaram do estudo cinco sujeitas LGBTQIA+ que residem nos seguintes territórios rurais/cidadania: Mato Grande, Terras Potiguares e Agreste Litoral Sul do estado do Rio Grande do Norte. O formulário continha perguntas semiestruturadas, abordando temas como suas experiências de resistência, enfrentamento da heteronormatividade, estratégias de empoderamento e os desafios vivenciados no contexto rural. As respostas foram tratadas de forma anônima e confidencial, garantindo a privacidade e a segurança dos participantes.

**Quadro 1: Perfil geral das (os) LGBTQIAPN+ participantes do estudo**

PARTICIPANTES	GÊNERO	LETRA DA SIGLA LGBTQIA+ QUE SE INDETIFICA	IDADE	MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA	PROFISSÃO/OCUPAÇÃO
---------------	--------	---	-------	-------------------------	--------------------

Rosa		G	24	Zona rural do município de João Câmara	Estudante de Enfermagem
Verde		L	30	Zona rural do município de São José do Mipibu	Professora de Educação infantil
Violeta		+	18	Zona rural do município de Macaíba	Estudante de Turismo
Laranja		L	27	Zona rural do município de São Gonçalo do Amarante	Agricultora familiar
Amarelo		Q	22	Zona rural do município de Ceará - Mirim	Estudante do ensino médio

**Fonte:** os autores com base nas informações registradas no formulário eletrônico dos respondentes, 2023.

A análise dos dados coletados foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, permitindo identificar padrões, tendências e temas emergentes relacionados à resistência LGBTQIA+ em contextos rurais. A triangulação dos dados, obtida a partir da pesquisa bibliográfica, dos indicadores sobre a LGBTQIA+fobia, das notícias relacionadas e das respostas ao formulário eletrônico, possibilitou uma visão abrangente e aprofundada do fenômeno estudado.

Por fim, as informações coletadas foram observadas a uma discussão detalhada, que abordou os resultados à luz do referencial teórico, permitindo analisar a relação entre as práticas de resistência e os desafios enfrentados pela população LGBTQIA+ em contextos rurais do estado do Rio Grande do Norte.

## A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO COSMOPOLITA

A concepção contemporânea de cosmopolitismo urbano emerge de um imaginário complexo, enraizado na figura do cosmopolita, um cidadão global cujo protótipo é o homem citadino que busca ampliar suas fronteiras culturais ao interagir com o outro. Esta ideia não se limita apenas ao desejo e compromisso com a diversidade, mas também engloba uma inclinação estética e/ou intelectual para novas experiências, juntamente com uma recusa em vivenciar homogeneidades (Arnaut, 2010).

Apoiando-se nos estudos de Beck (2002), a visão do cosmopolitismo contemporâneo se afasta do seu projeto original ao se transformar em uma resposta às crises da Modernidade em relação à diversidade, tornando-se, por sua vez, um produto. Esse processo, denominado de cosmopolitização, engloba uma série de fenômenos transnacionais, desde a

aceleração e intensificação das trocas globais até a circulação de bens culturais e tecnológicos, migrações, entre outros (Arnaut, 2010).

A visão de Beck (2002) de uma nova sociedade mundial cosmopolita, decorrente de uma modernização reflexiva, ressalta a importância do cosmopolitismo como um eixo central para a intensificação das relações entre os indivíduos e grupos em diferentes escalas, sejam elas locais ou globais. O cosmopolitismo, então, não apenas reflete uma necessidade de adaptação à globalização, mas também uma reconfiguração das identidades individuais e coletivas (Arnaut, 2010).

A definição kantiana do cosmopolitismo como a capacidade de ser um cidadão de dois mundos - "cosmos" e "polis" - ressalta as múltiplas dimensões desse conceito. Além das distinções entre afastamentos externos e internos, o cosmopolitismo implica uma reconfiguração das relações com a natureza, com outras civilizações e modernidades, bem como com o futuro, o objeto e o controle racional (Beck, 2002).

No entanto, é importante reconhecer que a concepção europeia do cosmopolitismo pode não refletir completamente as realidades de outras regiões do mundo. A perspectiva latino-americana de imaginário, por exemplo, oferece uma visão crítica, destacando a necessidade de considerar as especificidades das sociedades afro-ameríndias, periféricas e semiperiféricas no processo de cosmopolitização (Arnaut, 2010).

Além disso, a análise do cosmopolitismo não pode ignorar a sua manifestação no mundo rural. Embora a modernização, mais evidente nas grandes cidades, também está presente nas áreas rurais, muitas vezes de forma menos perceptível. A modernização reflexiva implicaria, portanto, pensar a possibilidade de incorporação, ou mesmo o desaparecimento, de imaginários do, e sobre, o mundo rural, diante das forças da globalização e da racionalização dos processos produtivos (Ianni, 1996).

A hierarquia mundial reeditada pelo cosmopolitismo reflete não apenas as assimetrias de poder entre as nações, mas também as desigualdades sociais e econômicas dentro das próprias sociedades. A visão cosmopolita do mundo, que privilegia o conforto da polis em detrimento das realidades globais, evidencia a necessidade de uma análise crítica das relações de poder e das hierarquias sociais em escala mundial (Arnaut, 2010).

A análise antropológica do imaginário cosmopolita visa desvendar as complexas interações entre o local e o global, entre o particular e o universal, que moldam as percepções e as práticas das sociedades urbanas. O imaginário cosmopolita está intrinsecamente ligado às experiências de mobilidade, migração e diáspora, que transformam as identidades individuais e coletivas em contextos urbanos cada vez mais interconectados.

Ao explorar o imaginário cosmopolita, os antropólogos investigam as formas pelas quais as cidades se tornam espaços de encontro e intercâmbio cultural, onde diferentes visões de mundo se encontram, se confrontam e se entrelaçam. Essas interações transnacionais e transculturais moldam as identidades urbanas, gerando novas formas de pertencimento e de solidariedade que transcendem fronteiras geográficas e culturais.

No entanto, o imaginário cosmopolita não é homogêneo nem uniforme, mas sim,

marcado por tensões, conflitos e desigualdades que permeiam as relações entre os diversos grupos e comunidades que habitam as cidades globais. As assimetrias de poder, as hierarquias sociais e as exclusões são elementos fundamentais na configuração do imaginário cosmopolita, influenciando as percepções e as práticas dos indivíduos e dos grupos dentro dos espaços urbanos.

Neste contexto, a noção de imaginário cosmopolita também está intrinsecamente ligada às transformações culturais e sociais que ocorrem em escala global, influenciando as percepções e as práticas das sociedades urbanas em todo o mundo. As migrações, as tecnologias de comunicação e as redes sociais são elementos-chave na construção do imaginário cosmopolita, conectando indivíduos e comunidades em uma teia complexa de interações culturais e sociais.

Neste sentido, Simmel (2004) reconhece que a cidade pode ser caracterizada como um espaço de liberdade individual, onde os indivíduos podem expressar suas singularidades de forma mais plena do que em pequenas cidades, onde a vida social é mais controlada e conformista. Deste modo, a multiplicidade de encontros e a diversidade cultural das cidades permitem uma maior autonomia e uma maior possibilidade de diferenciação pessoal.

Reforçando a ideia, Simmel (2004) destaca que o individualismo moderno é um dos principais impulsionadores das grandes cidades. Na visão do autor o indivíduo não está em oposição à sociedade, ao contrário, ele entende a individualização como uma expressão da própria socialização. Assim, a metrópole é um ambiente onde o cidadão reivindica sua autonomia e singularidade em relação aos grupos com os quais interage. Onde o intelecto humano nas metrópoles é muito mais estimulado do que nas pequenas cidades ou no campo, constituindo-se como um dos efeitos mais marcantes da intensificação da vida nervosa no cotidiano urbano. Para Simmel (2004), essa "intensificação da vida nervosa" é resultado das trocas rápidas e constantes de impressões externas e internas vividas nas metrópoles.

Destarte, para lidar com o bombardeio contínuo de estímulos visuais e auditivos, o habitante da cidade não reage de forma direta e emocional, como faz o morador de pequenas cidades; ele adota uma postura mais indireta e intelectual (Simmel 2004). Essa é uma forma de resposta às inúmeras solicitações sensoriais típicas do excesso de comunicações presente nas metrópoles. O autor observa que o ser humano enfrenta dificuldades para se adaptar a essa troca incessante de impressões sensoriais, enquanto nas pequenas cidades há mais espaço para uma maior afetividade. Onde, "a cada saída à rua, com o ritmo e a diversidade da vida social, profissional e econômica, a grande cidade estabelece [...] uma profunda oposição com a cidade pequena e com o campo, cujos modelos de vida sensível e espiritual têm um ritmo mais lento, mais habitual e que se desenvolve de forma regular" (Simmel, 2004, p.170).

A ótica e análise de Georg Simmel sobre o individualismo moderno e a vida nas metrópoles, nos oferece um arcabouço teórico relevante para entender a cosmopolitização e a busca por liberdade entre sujeitas LGBTQIA+ de contextos rurais. O autor argumenta que a metrópole, caracterizada por uma intensa vida social e uma constante exposição a estímulos sensoriais, possibilita ao indivíduo a reivindicação de autonomia e singularidade em relação

aos grupos com os quais interage. Essa experiência de individualização, embora profundamente enraizada no ambiente urbano, pode encontrar paralelos importantes nas vivências rurais, especialmente entre indivíduos LGBTQIA+ que buscam desafiar os padrões conservadores desses territórios.

Onde, em meio a contextos conservadores e heteronormativos, esses indivíduos frequentemente se engajam em uma busca por liberdade e reconhecimento, similar ao que Simmel descreve como a expressão de individualidade nas grandes cidades. A cosmopolitização, nesse sentido, pode ser vista como uma via para que essas sujeitas reivindiquem suas identidades e autonomias, desafiando as normas e expectativas tradicionais de suas comunidades. Assim, a busca por liberdade entre sujeitas LGBTQIA+ rurais reflete uma forma de individualização que, embora ocorra em um cenário distinto do urbano, compartilha a mesma necessidade de autonomia e de expressão singular observada por Simmel nas metrópoles.

## A COSMOPOLITIZAÇÃO E A BUSCA POR LIBERDADE: UMA ANÁLISE DO IMAGINÁRIO COSMOPOLITA DE SUJEITAS LGBTQIA+ RURAIS

O conceito de cosmopolitismo tem sido associado à ideia de ampliação das fronteiras culturais e à busca por diversidade, quando aplicado ao contexto da comunidade LGBTQIA+, este imaginário, estaria associado a diáspora *queer*<sup>3</sup>, concebida como um processo histórico, conforme apontado por Wesling (2008). Ao lado de outros marcadores sociais de diferença, como origem, raça e classe social, o gênero e a orientação sexual emergem como variações significativas a serem consideradas nas investigações sobre migração. Isso se deve ao impacto que exercem sobre a posição e a (re) inserção do sujeito migrante no contexto sociocultural em que se encontra. Portanto, este ideal imaginário representa não apenas uma ruptura com as normas e valores tradicionais, mas também uma busca por aceitação, inclusão e liberdade de expressão da identidade de gênero e orientação sexual.

As áreas rurais frequentemente se apresentam como espaços onde a heteronormatividade é predominante e as identidades LGBTQIA+ são estigmatizadas e marginalizadas. Isso cria um contexto desafiador para pessoas que buscam viver autenticamente suas identidades, muitas vezes resultando em restrições à liberdade individual e à expressão de gênero e sexualidade.

O processo migratório de sujeitas LGBTQIA+ das áreas rurais para os centros urbanos é uma manifestação do imaginário cosmopolita, que estabelece o vislumbre das (des) expressões das liberdades individuais. No entanto, é importante reconhecer que nem todas as pessoas têm acesso a essa possibilidade de migração, o que pode perpetuar situações de opressão. Onde, as análises dessas dinâmicas também devem levar em consideração as interseccionalidades de gênero, raça, classe e outras formas de marginalização. Para muitas sujeitas LGBTQIA+, a busca por liberdade vai além da identidade de gênero ou orientação sexual, incluindo lutas por justiça social, igualdade racial e econômica.

## A CIDADE COMO REFÚGIO PARA POPULAÇÃO LGBTQIA+?

É notório que exista uma relação entre a possibilidade da vivência LGBTQIA+ e região urbana. Eribon (2008, p.31), enfatiza que “a cidade sempre foi o refúgio dos homossexuais”. Os estudos de Parker (2002, p. 251-252), elucidam que:

para os homens que foram criados no interior, em áreas rurais ou pequenas cidades, a nova abertura, o anonimato e a tolerância de capitais estaduais ou regionais como Fortaleza podem representar um enorme alívio. Para homens que cresceram nessas cidades, contudo, o peso da vigilância familiar, a pressão social da vizinhança e assim por diante podem ser excessivos, e fugir para cidades grandes como o Rio de Janeiro ou São Paulo passa a ser uma alternativa.

Destarte, percebe-se que existe uma relação entre a não-heterossexualidade e o ambiente urbano, o que ocasiona uma problemática ao meio rural, interferindo em questões como o enfraquecimento dos territórios, e identidade rural. Didier Eribon (2008, p. 31-33) ao constatar que as cidades sempre foram refúgio para os LGBTQIA+, afirma que “hoje ainda, é permanente a migração dos gays e das lésbicas para as cidades grandes ou as capitais” homossexualidade tem ligação com a cidade”, onde Vieira (2011, p. 50) enfatiza que “um dos elementos centrais da construção das subjetividades lésbicas e gays está relacionado com a atratividade dos espaços urbanos centrais, em especial as metrópoles”. Segundo Teixeira (2015, p. 27):

a cidade, mesmo com o anonimato oferecido pelas massas urbanas, contraditoriamente pavimentaria o caminho para a formação identitária “homossexual” e “lésbica”, porque no urbano os corpos identificados (ou estigmatizados) com essas subjetividades se tornaram legíveis, para si e para os outros, reconhecendo-se, agrupando-se ou repelindo-se. Ou seja: migração trouxe a oportunidade e/ou a necessidade de corpos se libertarem da vigilância do meio rural; o capitalismo forneceu os meios necessários para estes corpos se libertarem da dependência econômica familiar, dando-lhes certa autoridade sobre seus próprios corpos; a urbanização produziu espaços que por sua vez forneceram oportunidades de encontros sexuais e reconhecimento, além de proporcionar o anonimato que não só protegia como tornava legível a preferência sexual.

Todavia não se deve pensar que não existe afetividade e relações entre LGBTQIA+ residentes em zonas rurais, uma vez que Rogers (2006) em sua pesquisa etnográfica constatou a prática de relações homossexuais masculinas em um pequeno povoado rural no interior do Ceará. Nessa mesma linha de pensamento Teixeira (2015, p.32) afirma que “com o advento da Internet, das salas de bate-papo *online*, das redes sociais e dos aplicativos de *geolocalização* gays, a sociabilidade homossexual em pequenas cidades (e mesmo no meio rural) seria reconfigurada, desestabilizando polaridades como centro e periferia, urbano e

rural” mostrando exatamente que em meados dos anos 2000 ocorre a interiorização das manifestações da sociedade homossexual fora das grandes metrópoles do Brasil.

Apesar disto, as zonas urbanas ainda são atrativas para muitas pessoas LGBTQIA+ coadunando com o que Eribon (2008, p. 32) chama de “mitologia” da cidade e da capital na cultura gay, ou seja, um imaginário coletivo da homossexualidade no que diz respeito à existência de um “mundo gay” nas grandes cidades. Por que as metrópoles possibilitam o estabelecimento de um “mundo gay”? A partir desse contexto é importante destacar dois conceitos que são relevantes ao nosso estudo, principalmente quando se busca analisar a migração de LGBTQIA+ das zonas rurais para os centros urbanos. O primeiro deles seria a *região moral* de Park (1976) e o *anonimato relativo* de Velho; Machado (1977). Em cidades pequenas não urbanizadas, embora que os sujeitos e sujeitas desempenham papéis diferentes, estes são reconhecidos pelo seu grupo social onde “a rotina da cidade do interior consiste exatamente nisso”. As expectativas são cumpridas cotidianamente” (Velho; Machado, 1977, p. 80).

Portanto, manter um relacionamento com alguém do mesmo sexo de forma anônima em cidades pequenas é bem improvável porque a vigilância social é forte, em comparação às grandes cidades onde é possível manter esse anonimato característico da grande metrópole possibilidade de desempenhar papéis diferentes em meios sociais distintos, não coincidentes e, até certo ponto, estaques. Isto é o que seria o anonimato relativo” (Velho; Machado, 1977).

Entretanto, esse anonimato não é absoluto uma vez que a própria mobilidade que favorece o deslocamento de um indivíduo entre diversos meios sociais dificulta a existência de áreas que sejam exclusivas (Velho; Machado, 1977, p. 80). Destarte, a liberdade que os grandes centros urbanos proporcionam a população LGBTQIA+ permite com que os que vivem no “armário” onde “a grande cidade se torna um refúgio, principalmente para aqueles que em algum momento divergem do comportamento padrão: sendo menos vigiados são igualmente menos punidos” (Lanzarini, 2013, p. 71).

No entanto, embora a cidade grande proporcione um relativo anonimato, ela permite a construção de redes afetivas onde pessoas com interesses, gostos e desejos semelhantes interajam umas com as outras como destaca Eribon (2008, p.34) “um homossexual que decide ir viver numa cidade grande agrega-se àqueles que seguiram esse percurso antes dele e faz existir um mundo que o atrai e com o qual ele, com frequência, sonhou muito tempo antes de poder a ele ter acesso”.

Assim, é importante destacar que nem todos os sujeitos e sujeitas rurais embarcam em uma “diáspora” em direção ao mundo urbano; muitos vivem no meio rural, adotando novas formas de convivência e sobrevivência, com diferentes aspectos do metropolitano, formulando sua própria resistência diante da heteronormatividade. Magalhães (2017) leciona que o vivenciar de uma sexualidade ou de uma expressão de gênero dissidente no meio rural

deve ser entendido como um evento de dimensões e alcances distintos do praticado no meio urbano.

## O ARCO-ÍRIS É DISTANTE?

A seguir, apresentamos um recorte preliminar das entrevistas realizadas com cinco indivíduos LGBTQIA+ que residem em áreas rurais do Rio Grande do Norte, público-alvo de nossa pesquisa. A seleção dos participantes foi feita com a auxílio de um líder do movimento LGBTQIA+ potiguar, que nos forneceu uma lista contendo sete nomes e endereços de e-mail. Em seguida, enviamos formulários eletrônicos aos sete indicados, recebendo respostas de apenas cinco deles. O objetivo dessa etapa foi compreender o processo de resistência dessas sujeitas em face do preconceito, discriminação e violência LGBTQIA+fóbica nas áreas rurais do estado. Buscamos também investigar se há, de fato, um fenômeno de fuga ou migração desses indivíduos e se o movimento LGBTQIA+ tem se fortalecido nesses territórios.

É importante ressaltar que estas são, exclusivamente, premissas iniciais de nossa pesquisa, as quais demandam uma extensa mensuração e investigação antes de serem generalizadas para uma audiência mais ampla. A aplicação dos formulários ocorreu entre o período que abrange os meses de março a maio de 2023, durante o qual o instrumento de coleta ficou acessível para o registro de respostas. O instrumento de pesquisa adotado compreende um conjunto de dez perguntas abertas, as quais visam compreender as táticas de resistência aceitas pelas sujeitas, bem como as dificuldades enfrentadas, o processo de autodescoberta e revelação de sua orientação sexual, o impacto do ativismo LGBTQIA+ na luta por direitos e inclusão nos territórios rurais.

Com o objetivo de assegurar a preservação do anonimato dos participantes, para a exposição da análise das respostas, abstivemo-nos de solicitar informações de cunho pessoal, como nomes próprios ou sociais. Em substituição, cada participante selecionou uma das sete cores da bandeira do movimento LGBTQIA+ como meio de identificação. Por meio de uma análise de conteúdo, alocamos a apresentação dos resultados em cinco categoriais a saber: processo de aceitação, influência conservadora, desafios para a LGBTQIA+ rural, resistência e busca por territórios de sociabilidade. Essas foram consideradas por meio das semelhanças obtidas nos relatos escritos.

**Quadro 2: Categorias e principais análises dos respondentes da pesquisa**

CATEGORIA	ANÁLISE
<b>PROCESSO DE ACEITAÇÃO</b>	A primeira categoria foi relacionada ao processo de aceitação dos respondentes ou saída do armário. Em todos os relatos, percebemos que esse foi um processo angustiante, uma vez que os participantes relataram que foram criados em um ambiente familiar, cristão e conservador. Segundo relato do participante Rosa (2023) seus pais alimentavam expectativas de que ele ingressasse nas forças armadas e estabelecesse residência na área urbana,

	<p>junto com sua futura esposa e filhos. A participante Verde (2023), destacou que durante sua trajetória frequentemente ouvia piadas do tipo: "você está muito velha para estar solteira" ou "essa garota nunca arrumou um namorado", além de comentários do tipo "há algo estranho aí, vou te apresentar meu amigo"(Verde, 2023).</p>
<b>CONSERVADORISMO</b>	<p>Em todos os relatos de nossos respondentes, destaca-se a influência conservadora das igrejas nas relações sociais rural, exercendo um papel negativo e punitivo no processo de aceitação e libertação das diversidades LGBTQIA+. Ao ser indagado sobre a vivência de ser LGBTQIA+ no contexto rural, Rosa (2023) relata que é um desafio e que a falta de recepção e visibilidade se configura como um dos principais obstáculos que enfrenta, especialmente por parte de seus familiares.</p>
<b>DESAFIOS PARA COMUNIDADE LGBTQIA+ DO RURAL</b>	<p>O participante Violeta (2023), ao descrever as dificuldades em vivenciar sua identidade, revela que muitas vezes recebe zombarias e críticas quanto à sua forma de se vestir e se portar. Em suas palavras, revela que "nunca discuti o assunto com minha família, mas devido à mentalidade retrógrada de meus pais, acredito que eles me expulsariam de casa e jamais me aceitariam como sou..., entretanto, no fundo, sei que eles têm conhecimento da minha verdadeira identidade, apenas optam por não a aceitar e silenciar".</p>
<b>RESISTÊNCIA</b>	<p>Como forma de resistência, essas sujeitas buscam apoio em coletivos de movimentos sociais de luta pela terra como o MST, além da interação virtual por meio de grupos de WhatsApp e os coletivos dos colegiados territoriais, que são núcleos de interesse público, cujo objetivo é debater o desenvolvimento territorial, considerando as esferas social e econômica dos territórios.</p>
<b>ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE</b>	<p>Nos relatos foi notório que em três deles foi citado o desejo por locais seguros para exercerem a sociabilidade abertamente com os membros da comunidade, dois citaram que iriam para a cidade de Natal, com o objetivo de encontrar outras LGBTQIA+ e expressarem-se livremente, o que nos faz refletir sobre a necessidade da busca pelas redes de apoio de vivência, compartilhamento de experiências e solidariedade frente às violências.</p>

Fonte: os autores.

A partir das análises baseadas nas categorias (quadro 02) selecionadas onde a primeira relaciona-se ao processo de aceitação dos respondentes ou como a metáfora de "saída do armário" percebe-se que este é um momento que gerar muitos conflitos interpessoais e familiares. Neste sentido, apoiando-se nos estudos de Nascimento *et.al.*, (2018, p. 1535), nota-se que:

o lar desses jovens acaba por ser o cenário de grandes conflitos, principalmente logo após a revelação da orientação sexual. Há uma tentativa da família em trazer o (a) jovem para a norma sexual hegemônica, o que traz mais sofrimento para todos os envolvidos. Um modo como os pais tentam resolver essa questão da revelação é por meio das violências física e psicológicas, o que pode colaborar para que a revelação seja adiada ou ocultada, dependendo do caso.

Assim, desde o nascimento dos filhos, os pais costumam adotar padrões ao gênero da criança, moldando a educação dentro de um sistema heteronormativo, assim, no decorrer de suas vidas, ao aflorar da sexualidade, esses indivíduos se deparam com desafios ao se afastarem da norma estabelecida pelos pais e sofrem com a violência psicológica do medo. Ainda sobre o chamado processo de libertação ou saída do "armário", que segundo Sedgwick (2007), essa estrutura física seria um elemento metafórico para representar a opressão gay do século XX. Para muitas LGBTQIA+, é um momento frustrante e decisivo, sendo considerado uma "espada de dois gumes", pois o apoio da família pode ser total, parcial, inexistente, ou até mesmo frontalmente repressivo, desta maneira:

a homossexualidade, quando revelada à família, pode vir a ser um problema nas relações. Para os jovens que decidem pelo coming out (sair do armário), a frustração pode ser grande diante do impacto causado aos familiares, que, em muitos casos, não conseguem tornar o ambiente acolhedor, do modo que é esperado por esta instituição. Comumente, os familiares exteriorizam agressões, ameaças e outros muitos tipos de violências que evidenciam a intolerância, frustração e medo por se depararem com a existência de um (a) filho (a) homossexual (Nascimento; Scorsolini-Comin, 2018, p.1529)

Assim, o núcleo familiar revela-se como um espaço ambivalente para a comunidade LGBTQIA+, podendo ser tanto um refúgio acolhedor quanto um ambiente permeado por hostilidade e insegurança. Contudo, para aqueles que residem em áreas rurais, tais desafios se tornam ainda mais acentuados. Destarte, ao contrário das grandes cidades, onde os indivíduos LGBTQIA+ costumam buscar apoio em instituições, ONGs e redes de amigos, os residentes rurais enfrentam não apenas a falta de aceitação familiar, mas também a solidão, o julgamento de suas comunidades locais e a falta de apoio social, emocional e financeiro. Diante deste cenário, muitas pessoas optam por manter o silêncio sobre suas identidades e optam por retornar ao "armário".

Nota-se então que existe um discurso que leva há um ideário de núcleo familiar heteronormativo, e que está presente nos discursos dos residentes mais idosos dos espaços/territórios rurais, quadro que tem sido perpetuado por um longo período, por um discurso construído a partir da Igreja Católica que exerceu e continua exercendo influência nos aspectos relacionados à construção das identidades sexuais no contexto do campo, não desmerecendo aqui o papel social desta instituição. Essa influência ortodoxa remonta ao período colonial, conforme discutido por Del Priore (2005) em sua obra, onde destaca-se como a igreja, ao se apropriar a representação do pensamento patriarcal característico do contexto colonial, influenciou e explorou as relações de dominação presentes nos encontros entre as sexualidades.

Portanto, apesar das mudanças nas relações e padrões sociais, a igreja ainda continua a cumprir um papel chave na perpetuação da cultura patriarcal e conservadora, tanto nas áreas urbanas quanto rurais, embora sua regulação e influência sejam mais pronunciadas em comunidades pequenas. Neste contexto, ao destacar sua participação na igreja, o respondente Rosa (2023) relata ter frequentado uma igreja católica com seus pais durante a infância e adolescência, porém, sempre percebeu que se diferenciava do ideal normativo acalentado por seus progenitores e que os sonhos que eles tinham para com ele seriam frustrados, uma vez que ele não se encaixava nessa normativa familiar.

Nesse contexto, um dos desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+ no meio rural reside no controle e na interação social nas relações de sociabilidade em que estão inseridos. Conforme ressaltado por Wanderley (2007, p. 24), esse ambiente apresenta particularidades específicas que são intrínsecas às comunidades rurais dominadas pela agricultura familiar, a saber:

1) sociedades do interconhecimento, ou seja, todos (as) se conhecem e as relações sociais são bastante densas; 2) têm uma tradição passada de geração a geração, pois a preocupação com as gerações futuras não se limita aos bens materiais, mas também aos bens culturais. Desta forma, o (a) jovem do campo está circunscrito (a) por uma teia de densas relações entre a casa (família) e a vizinhança (comunidade), localizado (a) entre o passado e o presente das tradições familiares. É um (a) jovem "multifacetário (a) que pode ser portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural".

Portanto, a comunicação interpessoal ocorre de forma ampla, permitindo que os assuntos cotidianos da comunidade cheguem ao um público mais amplo. Essa dinâmica resulta em um controle social que reprime e ridiculariza qualquer indivíduo que se desvie das normas conservadoras e patriarcais dessas localidades. Em contraste com o ambiente urbano, onde a expressão da liberdade é mais prevalente, o espaço rural restringe aqueles que lutam pela busca de sua identidade de gênero ou orientação sexual, uma vez que as relações sociais no campo são mais intensas entre todos os membros da comunidade (Gomes *et al.*, 2017, p. 06).

Os relatos mostram as estruturas de opressão e trazem a necessidade urgente de novas mentalidades que incorporem novas identidades LGBTQIA+ permitindo a compreensão delas nos territórios rurais. A figura do camponês de masculinidade normativa, muitas vezes emerge como uma masculinidade tóxica, que exclui outras identidades e formas diversas de sexualidades, um elemento presente nas páginas da história brasileira. Para que o quadro mude é necessária uma mudança de pensamento, imaginário/mentalidade e ação coletiva, integrativa e de solidariedade entre organizações LGBTQIA+, movimentos sociais, peças fundamentais para a promoção da igualdade e da justiça social nas comunidades rurais.

No que se refere ao processo de resistência, o participante Violeta (2023) ressalta a ausência de espaços inclusivos em sua comunidade, onde as pessoas se encontram fortemente vinculadas à igreja católica local e à sua paróquia. Ele lamenta: "Há poucos gays que residem aqui, e isso me faz sentir solitário em relação a essa questão". Destarte, percebemos a complexidade das dinâmicas de poder e normatividade presentes nas estruturas sociais rurais. As experiências compartilhadas pelos participantes revelam os desafios enfrentados por indivíduos LGBTQIA+ em contextos rurais, onde o processo de aceitação social é doloso e as normas conservadoras se fazem arraigadas no cotidiano da população.

Diante deste cenário, ao questionarmos as estruturas de poder e as normas sociais que perpetuam a exclusão e a marginalização de indivíduos LGBTQIA+ das comunidades rurais, temos a reflexiva de que a busca por alternativas que promovam a igualdade, a justiça e a valorização da diversidade sexual e de gênero, com a implementação de políticas públicas que proponham ações que resultem em inclusão, que reconheçam as particularidades e as necessidades do movimento, que busquem a coibir de forma a penalizar ações a todos os tipos de violência a essas sujeitas, bem como a promoção e criação de espaços seguros e de sociabilidade, ações necessárias para permanência dessa população nos espaços/territórios rurais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é nítido o enraizamento sobre o qual se erguem os padrões conservadores e patriarcais na zona rural brasileira, onde muitos núcleos familiares ainda estão imersos nas tradições padronizantes e heteronormativas do processo histórico colonial, que durante muito tempo contou com a influência da igreja para confirmação do controle de padrões de sexualidade nas relações sociais da população. Todavia, emergem, nesse contexto, movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que tem executado ações concebidas no sentido de possibilitar experiências enriquecedoras para permanência e desenvolvimentos das identidades de sujeitas LGBTQIA+, sem a necessidade da "diáspora queer". Contudo, é tolerante que persistem numerosos episódios de LGBTQIA+fobia nos contextos rurais, os quais, frequentemente, são subnotificados ou enquadrados como outras modalidades de crime.

Assim, a presente investigação permitiu considerar que a concepção amplamente

difundida de que as metrópoles constituem refúgios seguros e acolhedores para a comunidade LGBTQIA+ ainda persiste no imaginário de liberdade dos territórios rurais, embora números de homicídios na área urbana venham desmistificar esse imaginário. Mas também é válido ressaltar que o estudo evidenciou a ausência de acompanhamento de dados e pesquisas sistemáticas sobre a violência de causa LGBTQIA+fobia no rural, sendo que este artigo se constitui como um recorte específico do escopo abrangente de nossa pesquisa de doutoramento em Estudos Urbanos e Regionais - UFRN. Com relação aos processos de resistência, é perceptível o papel dos movimentos sociais rurais, esses servem de apoio e base para a comunidade LGBTQIA+ que se apoiam em suas lutas como forma de visibilidade, principalmente nos territórios que não possuem alguma organização coletiva para a comunidade.

## REFERÊNCIAS

ARNAUT, Danilo. Filhos do Mundo: Notas sobre uma narrativa cosmopolita. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.39-53, dezembro. 2010. Semestral. Disponível em: [www.habitus.ifcs.ufrj.br](http://www.habitus.ifcs.ufrj.br). Acesso em: 05 de maio de. 2024

BECK, Ulrich. The Cosmopolitan Society and its Enemies. **Theory, Culture & Society**, v. 19, n. 1- 2, p. 17-44, 2002.

CEDOC: Centro de Documentação Dom Tomás Balduino – **Comissão Pastoral da Terra - Conflitos no Campo Brasil 2020 - Resumo do Download**. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/downloads/summary/41-conflitos-no-campo-brasil-publicacao/14242-conflitos-no-campo-brasil-2020>. Acesso em: 01 jul. 2023.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

EBRAHIM, R. **Assassinato de educador acende alerta para subnotificação de crimes de ódio contra LGBTs** - Marco Zero Conteúdo. Disponível em: <https://marcozero.org/assassinato-de-educador-acende-alerta-para-subnotificacao-de-crimes-de-odio-contralgbts>. Acesso em: 01 nov. 2022.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FRANCO, Maria. **Sem-terra gay é assassinado em assentamento na Paraíba; MST denuncia crime de homofobia**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/05/sem-terra-gay-e-assassinado-em-assentamento-na-paraiba-mst-denuncia-crime-de-homofobia>. Acesso em: 01 nov. 2022.

GOMES, J.C. S *et al.* **Colorindo o campo: a diversidade sexual no espaço rural**. Anais V ENLAÇANDO. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31470>. Acesso em: 28 dez. 2022.

- IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- LANZARINI, R. Jorge. **Empresário de fora, casado e versátil. Homoerotismo no anonimato das viagens**. Tese – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis. 2013. 255 p.
- MAGALHÃES, Pedro Mourão De Moura. **Terra, amor e existência: sobre a atuação do coletivo LGBT do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- MARIANO, A. S.; MARRO. K.I. As LGBTI+ do Campo e a Luta Contra LGBTIfobia. **CONFLITOS NO CAMPO BRASIL**, v. 1, p. 222-230, 2021.
- MOURA, P.; DUARTE, T. S. Territórios do Medo para a População LGBTQIA+: Uma Análise dos discursos sobre a Fragmentação da cidade. In: XXIX - Congresso de Iniciação Científica, 2020, Pelotas. **XXIX - Congresso de Iniciação Científica**. Pelotas: UFPel, 2020. v. 1. p. 01-04.
- PARK, R. **“A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”**. In: VELHO, O. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- PARKER, Richard Guy. **Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002. 380 p.
- PELANDA, L. **Ativista LGBT ligado ao PT é achado carbonizado; polícia apura homofobia**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/05/03/professor-e-ativista-lgbt-ligado-ao-pt-e-achado-morto-pc-apura-homofobia.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- ROGERS, P. **Os afectos malditos. O indizível das sexualidades camponesas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- ROSA, R. M. **Corpos híbridos na docência: experiências, narrativas de si e (des) construção das masculinidades no magistério**. (Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação pelo curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina/UFSC). Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Gladys Mary Ghizoni Teive. FLORIANÓPOLIS (SC). 2009.
- SIMMEL, Georg. **Philosophie de la modernité**. Paris: Payot, 2004
- SCORSOLINI-COMIN, F., & SANTOS, M. A. (2012). Insensatos afetos: Homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira. **Barbarói**, 36, 50-66.

SCHMITZ, A. **Mortes violentas de LGBT+ Brasil: Observatório do Grupo Gay da Bahia, 2022.** Disponível em: <<https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-da-bahia-2022/>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SEDGWICK, E. K (2007). A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, 17, 19-54.

TEIXEIRA, M. "'Metronormatividades' nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil". *Áskesis*, São Carlos-SP, 4, p. 23-38, 2015.

TERRA, MST. **LGBT Sem Terra: o amor faz revolução.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=04MnkQdV0Js>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

VELHO, G.; MACHADO DA SILVA, L. "**Organização social no meio urbano**". *Anuário Antropológico*, 76, p. 71-82, 1977.

VIEIRA, P. "**Mobilidades, Migrações e Orientações Sexuais. Percursos em torno das fronteiras reais e imaginárias**". *Ex aequo*, Lisboa-PT, 24, p. 45-59, 2011.

WANDERLEY, Maria de N. **Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro.** In: CARNEIRO, Maria; CASTRO, Elisa (Orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

Wesling, M. (2008). Why queer diaspora? **Feminist Review**, 90(1), 30-47. DOI: 10.1057/fr.2008.35.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais, o símbolo "+" representa as demais orientações e identidades sexuais.

<sup>3</sup> O conceito de "diáspora" apresenta uma dualidade: por um lado, denota um processo de exclusão, enquanto por outro, instaura a construção de um "Outro", delineando fronteiras entre o que é considerado interno e externo, entre o que é parte e o que está excluído (Hall, 2013). Por sua vez, o termo "queer" está intrinsecamente ligado ao conceito de "abjeção", que se refere a vidas que não são reconhecidas como passíveis de serem vivenciadas e cuja existência não é legitimada (Butler, 2011). Essa condição de sub-humanidade está enraizada nas experiências de indivíduos LGBTQIA+, caracterizadas por diversos tipos de preconceito, discriminação e vulnerabilidade.